

GÊNESE, CRIAÇÃO LITERÁRIA E TEORIZAÇÃO NA LEITURA DE FISILOGIA DA COMPOSIÇÃO, DE SILVIANO SANTIAGO, A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DESCOLONIAL

Francine Carla de Salles Cunha Rojas (UFMS)¹

Edgar César Nolasco (UFMS)²

RESUMO

O ensaio apresenta uma leitura do livro *Fisiologia da composição* (2020), de Silviano Santiago, a partir da proposta do autor segundo a qual para se conceber uma nova metodologia de leitura da literatura brasileira é necessário *desconstruir* a metodologia de leitura da Literatura Comparada. Para tanto a reflexão tem como mote principal o papel do caráter ensaístico evidenciado por Santiago, nas primeiras páginas do livro, e começa tecendo considerações acerca do proposto pelo crítico, para, então, deter-se na relação do ensaio com os corpos mencionados no texto, Machado de Assis, Graciliano Ramos e Silviano Santiago. O recorte mencionado se desenvolve sob a égide da perspectiva descolonial por meio de conceitos como teorização e pensamento fronteiriço como método (MIGNOLO, 2010), e da intercorporeidade proposta por Juliano Garcia Pessanha em *Recusa do não-lugar* (2018). Nesse contexto, os conceitos de cópia e contribuição são revistos sob a ótica de texto / autor hóspede e texto / autor hospedeiro, tais noções, por sua vez, distanciam-se da abordagem tradicional da literatura comparada. Vale mencionar que a nova metodologia cunhada por Santiago ecoa as considerações de Antonio Candido acerca da relação entre literatura brasileira e a literatura comparada. Considera-se que um possível começo para a nova metodologia proposta por Santiago implica no papel do leitor para o desenvolvimento de uma leitura *outra* da literatura brasileira, uma vez que a desordem, anacronismo e a distorção são concebidos pelo olhar do leitor. Dessa forma, o leitor/escritor/intelectual latino-americano, atravessado pela condição colonial, se contrapõe ao modelo genérico de leitor/intelectual ideal.

Palavras-chave: Ensaio. Hospedagem. Corpos. Literatura Comparada. Literatura Brasileira.

¹ Membro do grupo de pesquisa NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados). Mestre e Doutoranda em Estudos de Linguagens, UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), com bolsa CAPES. Orientada pelo prof. Dr. Edgar César Nolasco (UFMS).

² Mestre e Doutor em Literatura Comparada pela UFMG (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Professor da graduação em Letras e da pós-graduação em estudos de linguagens da UFMS. Orienta tese desenvolvida por Francine Carla de Salles Cunha Rojas acerca do ensaio biográfico fronteiriço.

POR UMA NOVA METODOLOGIA DE LEITURA DA LITERATURA BRASILEIRA³

Uma nova metodologia de leitura da literatura brasileira teria necessariamente de desconstruir a metodologia dominante na literatura comparada a fim de dar conta dos valores de cópia e de contribuição, reconhecendo, ainda, os princípios de originalidade em cópia inevitável. (SANTIAGO, 2020, p. 35).

Um leitor também é aquele que lê mal, distorce, percebe confusamente. Na clínica da arte de ler, nem sempre o que tem melhor visão lê melhor. (PIGLIA, 2006, p. 19).

Em *Fisiologia da composição* (2020), Silviano Santiago se detém na gênese da obra literária e no processo de criação artística de Machado de Assis e Graciliano Ramos para, então, discorrer acerca de uma nova metodologia de leitura da Literatura Brasileira via desconstrução da metodologia de leitura dominante na Literatura Comparada. Nesse contexto, os conceitos de cópia e contribuição são revistos sob a ótica de texto / autor hóspede e texto / autor hospedeiro, tais noções, por sua vez, distanciam-se da abordagem tradicional da literatura comparada em que “[...] a Literatura Comparada busca detectar *analogias, parentescos e influências*” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 96) sob o crivo da dívida para com a produção anterior.

Vale mencionar que a nova metodologia cunhada por Santiago ecoa as considerações de Antonio Candido, visto que entendo ser a afirmação de Candido, “[...] estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada [...]” (CANDIDO, 2004, p. 211), ao lado de Machado de Assis e Graciliano Ramos, uma parte da base da proposta de Santiago, ainda que esse, em *Fisiologia da composição*, afaste-se criticamente de Candido ao dissolver o paradigma da formação (da literatura brasileira). Em síntese, a presença do autor de *Formação da Literatura brasileira* (1959) encontra-se na relação entre literatura brasileira e literatura comparada, tal como indicou a afirmação acima, contudo, o afastamento crítico ocorre quando Santiago diverge do conceito de formação, por enxergar nele o endosso à condição periférica da literatura nacional em *comparação* (via semelhanças e diferenças) com a literatura estrangeira:

A endossar o paradigma da formação, cronológico por natureza, temos produzido *cópia* singular e sentimental do inatingível original europeu que, em termos da metodologia então vigente em literatura comparada, seria logo rebaixada criticamente pela condição de inferioridade nacional e periférica. (SANTIAGO, 2020, p. 34).

³ O livro foi lançado no final do primeiro ano de pandemia de covid-19, em 2020. Nesse sentido, em *live* de lançamento da obra, Santiago comenta sobre a solidão, a quarentena e as implicações dessas questões no processo de criação artística: “[...] esse paradoxo, a total solidão para você ter liberdade, ela coincide também com o confinamento que estamos vivendo durante a pandemia, que você é obrigado a confinar não por vontade própria, mas você é obrigado a confinar por necessidade. Então esses dois, o confinamento por desejo e o confinamento por necessidade ou a solidão por desejo e a solidão por necessidade, elas se combinaram na minha vida, enquanto eu escrevia esse livro [*Fisiologia da composição*] e é curioso, né?, como nunca eu tinha tido essa forma de confinamento, de solidão pela necessidade. Eu sempre fui uma pessoa com uma vida social razoável [...]” (Cf. CEPE. Lançamento do livro “Fisiologia da composição”, de Silviano Santiago. 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=TAtohepz00A>>. Acesso 20 jun. 2021). Ainda acerca de sua proposta de uma nova metodologia de leitura da Literatura Brasileira via Literatura Comparada, o crítico, em um segundo vídeo, no canal da TV Senado, que a melhor forma de ler Machado de Assis é em Literatura Comparada e não em Literatura Brasileira, visto que, no caso, Machado de Assis seria comparado a Lima Barreto, por exemplo, e perderia, pois não é um ativista (Cf. a conversa de Silviano Santiago com Canal da TV Senado em <https://www.youtube.com/watch?v=JKmZzIzIGwg>). Sobre o assunto, em *Fisiologia da composição* o autor atribui mais ao leitor o caráter ativista do que ao autor (Cf. página 140 de *Fisiologia da composição*).

Considero que um possível começo para a nova metodologia proposta por Santiago implica no papel do leitor para o desenvolvimento de uma leitura *outra* da literatura brasileira, uma vez que a desordem, anacronismo e a distorção são concebidos pelo olhar do leitor. Com isso, quero dizer que a apresentação de tal leitor foi iniciada no ensaio “O entre lugar do discurso latino-americano” (1971), em que o crítico já se atentava para tal questão ao ressaltar que “[...] as leituras do escritor latino-americano não são nunca inocentes. Não poderiam nunca sê-lo” (SANTIAGO, 2019, p. 25). Dessa forma, o leitor/escritor/intelectual latino-americano, atravessado pela condição colonial, se contrapõe ao modelo genérico de leitor/intelectual ideal. Em consonância à abordagem proposta pelo crítico brasileiro, em *O último leitor* (2006), Ricardo Piglia propõe ser a leitura passível de desvios, distorções e confusões e o leitor alguém que, na clínica da arte de ler, como anuncia a epígrafe, possui a *visão distorcida*. Nesse contexto, a distorção e a má visão metaforizam o desvio da norma (SANTIAGO, 2019). Em síntese, o leitor sobre o qual falo não é o leitor de centros hegemônicos do saber, mas sim aquele que é atravessado pela experiência da modernidade e, por extensão, pela colonialidade.

Nesse universo saturado de livros, em que tudo está escrito, só é possível reler, ler de outro modo. Por isso, uma das chaves desse leitor inventado por Borges é a liberdade no uso dos textos, a disposição para ler segundo o interesse e a necessidade. Uma certa arbitrariedade, uma certa inclinação deliberada para ler mal, para ler fora do lugar, para relacionar séries impossíveis. (PIGLIA, 2006, p. 27).

Detenho-me no leitor, na esteira de Piglia e Santiago, pois desejo ressaltar que, para a concepção de uma nova metodologia da leitura, é necessário que se pense, primeiramente, no leitor dessa literatura. Dessa forma, a leitura que faço de *Fisiologia da composição* se propõe a refletir acerca do que Silviano Santiago denominou como uma nova metodologia de leitura da literatura brasileira por meio da literatura comparada, sob a perspectiva da escrita ensaística praticada pelo autor. Minha tese é a de que o ensaio transcende a forma imposta pelo gênero textual ao apresentar corpos em movimento (Machado / Graciliano / Silviano / leitor) no *corpo* do texto. Para desenvolver a tese, penso o ensaio na esteira da perspectiva descolonial, o que significa perceber a escrita ensaística como teorização e não como teoria (MIGNOLO, 2020). Assinalo que a leitura proposta *a partir do* livro de Silviano Santiago originou-se de uma teorização desenvolvida pelo crítico quando esse, consciente de sua trajetória acadêmica caracterizada pelos *desvios da norma, ativo e destruidor* (SANTIAGO, 2019, p. 18), propõe

[...] uma leitura da escrita da cultura e da literatura brasileira pelo viés pós-colonial, ou seja, saio em busca de motivações não eurocêtricas para dedicar-me ao trabalho didático e à reflexão crítica sobre a nacionalidade. Privilegio menos as postulações propriamente coloniais, às claras no texto, e mais as metáforas – onde o inconsciente do texto pode se tornar *manifesto* graças à análise – que explicitam a atividade a que se entregam os primeiros colonizadores (no caso, os marinheiros sob o comando do capitão Pedro Álvares Cabral) (SANTIAGO, 2020, p. 32).

O corpo teórico recriado no interior do ensaio para o seu desenvolvimento emerge do encontro entre a literatura comparada e a perspectiva descolonial. Nesse sentido, são essenciais os apontamentos de Antonio Candido, em *Recortes* (1996), Eneida Maria de Souza em *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica* (2011), Leyla Perrone-Moisés em *Flores da escrivantina: ensaios* (1990) e Tania Franco Carvalhal em “Sob a égide do cavaleiro errante” (2006), Edgar Cézár

Nolasco “Descolonizando a pesquisa acadêmica: teoria sem disciplinas” (2018), Juliano Garcia Pessanha em *Recusa do não-lugar* (2018) e Walter Mignolo em *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* (2020), “Desafios decoloniais hoje” (2017a) e “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” (2017b).

A nova metodologia de leitura mencionada por Silviano Santiago é apresentada na página 35 de *Fisiologia da composição*, nas palavras do crítico “Há um novo valor, o *anacronismo criativo e periférico*, que é impossível de ser compreendido na radicalidade evolutiva da historiografia iluminista, a não ser pela retomada do exigente conceito de *suplementaridade* [...]” (SANTIAGO, 2020, p. 35), visto que a evolução literária “[...] se dá em movimentos para frente e para trás” (SANTIAGO, 2020, p. 35). No contexto da proposta de Santiago, o *anacronismo criativo e periférico* ocorre pela relação entre as grafias-de-vida dos escritores Machado de Assis / Graciliano Ramos / Silviano Santiago.

Para entender melhor sobre como o conceito cunhado por Silviano Santiago *descarrilha* a metodologia de leitura dominante da Literatura Comparada é necessário retomar alguns noções comparatistas essenciais. Para tanto, início com a definição mencionada por Leyla Perrone-Moisés, na esteira de Pichois e Rosseau, acerca do que vem a ser a literatura comparada:

[...] arte metódica, pela busca de ligações, de analogias, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre eles, distantes ou não, no tempo e no espaço, contanto que eles pertençam a várias línguas ou várias culturas participando de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los. (PICHÓIS; ROSSEAU *apud* PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 92).

De acordo com tal definição, a literatura comparada é entendida como *método* que busca ligações e aproximações entre textos literários distantes ou não no tempo e espaço, condicionados a necessidade de pertencerem a uma mesma *tradição*. Na esteira da definição apresentada, o uso do termo *método* implica na exclusão do corpo / grafias-de-vida, dado que o termo remete ao método cartesiano (separação corpo / mente). Dentro desse escopo, o *anacronismo criativo e periférico* e a reflexão em torno da genealogia e criação literária de *Fisiologia da composição* não *vingaria*, pois toda a reflexão engendrada no livro considera o corpo (dos escritores e o dos textos) em sua teorização.

Outro ponto a ser desvirtuado dentro da ótica tradicional comparatista é as considerações acerca das *fontes e influências*. No texto, ainda que defenda propostas inovadoras como a de Jorge Luis Borges via “Kafka e seus precursores” (2007) e a antropofagia oswaldiana (1928), Perrone-Moisés teoriza dentro dos termos das semelhanças e diferenças, ou seja, no interior de um pensamento hierárquico (afinal, como a própria crítica nos lembra “Comparar é sempre ver semelhanças e diferenças”) (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 96) ao defender a necessidade de encontrar “[...] uma concepção de tradição literária que nos liberte tanto do rancor da dívida quanto da veleidade da auto-suficiência” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 98) Contrapondo-se a essa percepção, em “O entre-lugar do discurso latino-americano”, Santiago diagnostica que

Seria necessário algum dia escrever um estudo psicanalítico sobre o prazer que pode transparecer no rosto de certos professores universitários quando descobrem uma influência, como se a verdade de um texto só pudesse ser assinalada pela dívida e pela imitação. (SANTIAGO, 2019, p. 20).

Desviar, ou para remeter a um termo caro a Santiago, descarrilhar a metodologia dominante de leitura da literatura comparada requer que se pense a relação entre literatura brasileira e literatura comparada. Como mencionado anteriormente, isso se dá via relação concebida por Antonio Candido, segundo a qual estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada. Em *Recortes*, Candido ressalta a vocação comparatista espontânea e informal (CANDIDO, 2004p. 212) que recai na literatura nacional e que, grosso modo, atravessada pelo passado colonial, reverbera a metodologia de fontes e influências, na qual a identificação de vínculos, relações contraídas entre literaturas e as citações de nomes (escritores / teóricos) geram o sentimento confortante de parentesco (CANDIDO, 2004, p. 211). Em suma, na genealogia traçada pelo autor de *Formação da literatura brasileira*, a Literatura Comparada praticada no Brasil é caracterizada pelo comparatismo difuso e espontâneo (CANDIDO, 2004, p. 211) em que imperam a metodologia da busca por fontes e influências, dívidas e cópias. Contraposta a visada tradicional, a metodologia defendida por Santiago defende que

A desconstruir o paradigma de formação, a vontade de deixar o corpo viver e o desejo de crítica e de criação artística devem evitar os estimulantes paregóricos da identidade nacional, submissos tanto ao paradigma do *universal* pelo eurocentrismo, que se difundiu e continuou a se difundir em colônias europeias, quanto ao paradigma da *formação*, que abole a diferença para calçar regionalmente a independências e a emancipação. (SANTIAGO, 2020, p. 34).

Portanto percebo que Santiago *descarrilha* a Literatura Comparada e, por extensão, seus conceitos-chaves: fontes, influência, dívida, texto pai, por meio dos conceitos de texto / autor / hospede e texto / autor / hospedeiro para superar noções como dívida, ou como mencionou Perrone-Moisés, *o rancor da dívida* (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 98). Além do mais, o crítico *descarrilha* em um segundo sentido o comparatismo brasileiro ao ampliar a noção de método *a partir da* inscrição corporal dos autores e de si no corpo em movimento do texto.

DESOBEDECER O CORPUS E DESCOLONIZAR O CORPO: Silviano, Machado, Graciliano e além...

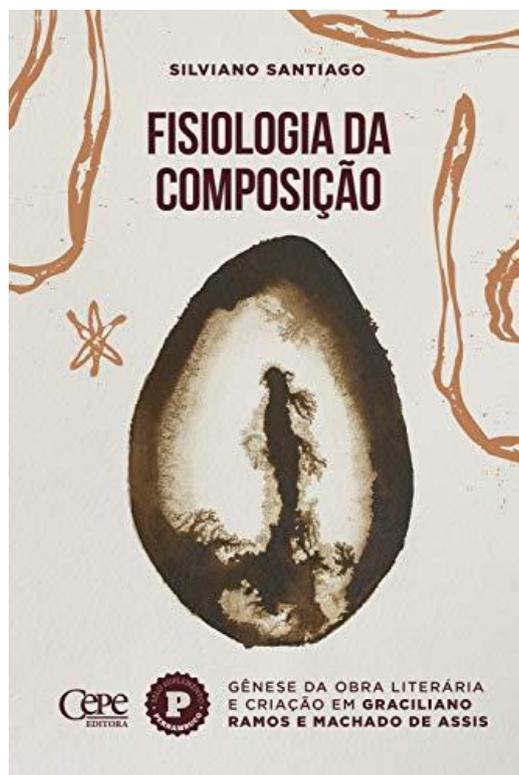
Precisamos aprender a falar do *bios* e do corpo; afinal uma pesquisa tem alma. (NOLASCO, 2018, p. 19).

[...] a composição é o ato de capturar a ficção na própria imaginação e para outros o ato de elaborar a ficção numa prosa. Capturar e elaborar. O ato de compor é para os primeiros o momento inexplicável e sublime em que um produto inesperado da imaginação é *capturado* pelo ficcionista, enquanto para os outros são “as horas enorme de procura”. No primeiro caso, a ficção cai dos céus, como que por milagre, enquanto no outro caso, ela é trabalhada na terra, minuto após minuto, palavra após palavra, página após página. (SANTIAGO, 2020, p. 55).

A discussão em torno do corpo, da criação e da gênese literária abordada por *Fisiologia da composição* é introduzida via capa do livro. A obra, sem título definido, é de autoria de Antonio Obá, artista conhecido por desenvolver em seus trabalhos reflexões sobre o corpo, em especial, o corpo negro, a religião e o preconceito. A imagem do ovo, no contexto do livro, metaforiza a experiência da gênese e da criação literária, além de reverter o conceito de origem como proposto pela Literatura Comparada de viés tradicional. Uma segunda analogia remete à condição corporal, cara ao livro, e

endossada pela *fisiologia*, parte da biologia que objetiva o estudo das funções dos órgãos bem como as transformações⁴, mencionada no título. De modo geral, o que evidencio é que Silviano Santiago assinala, desde já, que a *origem* e a *composição* da obra literária se dá *a partir do* corpo dos autores Machado / Graciliano / Santiago:

Imagem 1 – capa do livro *Fisiologia da composição*



Fonte: arquivo pessoal

A percepção de corpo é múltipla e indica várias direções. Uma delas corresponde ao corpo físico dos autores (Machado de Assis / Graciliano Ramos / Santiago), uma segunda diz respeito às sensibilidades biográficas, o corpo do texto e, por último, o corpo linguístico que, tal como foi mencionado por Santiago no início de seu livro, deve ser *desconstruído* para que, por sua vez, se entenda a literatura como a arte do *corpo presente* (SANTIAGO, 2020, p. 11). Dessa forma, é estabelecida uma relação homológica entre o corpo do autor e a composição literária (SANTIAGO, 2020, p. 11), na qual habita a linguagem.

No começo de seu livro, Silviano Santiago contextualiza a gênese de *Fisiologia da composição* ao remontar ao simpósio ocorrido na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio), cuja temática versava sobre “Literatura e artes de corpo presente”. Dessa forma, o crítico ressalta que diversas outras artes, entre tradicionais e modernas, tratam do corpo presente, contudo tal não é o caso da Literatura a não ser que

[...] se desconstrua a metáfora que sustenta o texto literário – a linguagem. Ou então, a literatura será arte de corpo humano presente – como proporei nesse ensaio que assume o paradoxo expresso no título do simpósio – por relação homológica entre o corpo do autor e a composição literária. (SANTIAGO, 2020 p. 11).

⁴ Definição que abstrai do dicionário médico online. Cf. <https://www.xn--dicionariomdico-0gb6k.com/fisiologia.html>.

Nas palavras do crítico, a literatura passa a ser arte de corpo humano presente pela desconstrução da linguagem e pela relação homológica entre o corpo do autor e a composição literária, tal relação homológica entre os corpos de Machado de Assis, Graciliano Ramos e Silviano Santiago é, em sua essência, de natureza comparatista. Nesses termos, a proposta de uma metodologia de leitura *outra* da literatura comparada, no interior do livro, é atravessada pela percepção bio-gráfica (MIGNOLO, 2017a, p. 16) como método. Em suma, a proposta metodológica do comparatismo tradicional não sustenta essa percepção *outra* erigida por Santiago por dois motivos: O primeiro consiste no fato de que o comparatismo de veia tradicional é de funcionamento sistemático (CARVALHAL, 2006, p. 15) e o segundo motivo diz respeito ao comparatismo disciplinar (CANDIDO, 2004, p. 211) aludido por Candido em *Recortes* (1996).

Disciplina e sistema são dois conceitos caros para a retórica moderna, uma vez que ambos endossam o *cogito* Cartesiano, segundo o qual há uma separação entre corpo e mente. De acordo com essa lógica, para se constituir um conhecimento *solidamente* amparado nos preceitos modernos de objetividade, é necessário, sobretudo, a exterioridade do *corpo* em prol do *corpus*. Uma das consequências derivadas desse pensamento é que a proposta de Santiago, sob o olhar moderno, torna-se inviável justamente porque aborda aquilo que a modernidade deseja exteriorizar, o corpo. A relação homológica, as grafias-de-vidas e o anacronismo criativo e periférico (SANTIAGO, 2020) objetivam a renovação dos métodos comparativos (CARVALHAL, 2006, p. 15). Por sua vez, o incorpóreo é o fundamento que orienta a Literatura Comparada tradicional e, por extensão, as semelhanças e diferenças, uma vez que no exercício comparativo tradicional compara-se *corpus*. Ou seja,

[...] o silêncio implícito no incorpóreo (tanto individual como social) é, ao mesmo tempo, a tomada de uma posição universal de poder em relação à qual as relações entre os sexos, as hierarquias sociais, as crenças nacionais ou religiosas e os preconceitos étnicos são categorias subalternas. (MIGNOLO, 2020, p. 155).

A ideia de método que emerge da teorização desenvolvida por Silviano Santiago, no livro, contrapõe-se a metodologia cartesiana justamente porque sua teorização emerge dos corpos. Nesse caso não existe o *corpus*, mas, como pontua o crítico, persevera a relação homológica entre os corpos dos três escritores. Em suma, ao construir uma abordagem *outra* do método pela desconstrução do cogito cartesiano, Santiago resgata o vocábulo ao mesmo tempo em que lhe atribui um novo significado. Não à revelia, na página 69, o leitor se depara com a crítica contumaz que Santiago direciona a René Descartes: “Ao prolongar o ato de pensar depois da morte, renuncia ao *cogito, ergo sum*, proposição filosófica fundamental, estabelecida por René Descartes. Sou defunto, logo ainda penso” (SANTIAGO, 2020, p. 69). Mais adiante, Santiago continua sua crítica ao ressaltar ser a perda (ou como prefiro pensar, o desprendimento) da racionalidade cartesiana a condição necessária para se pensar o corpo humano e a composição literária:

A perda da racionalidade cartesiana – como páginas adiante constataremos metaforicamente e também como dado da grafia-de-vida do autor – é instalada pela intermitência dos *terremotos do corpo humano* e se transforma na condição de digressões ou de *ausências*, no principal alicerce para a composição literária de memórias póstumas e na matéria privilegiada pela reflexão, que a legitima. (SANTIAGO, 2020, p. 71).

A metodologia *outra* defendida pelo autor é um projeto cujo esboço se inicia em um de seus livros basilares, *Uma literatura nos trópicos* (2019), segundo o qual propõe que, para declarar a falência da busca pelas fontes e influências, é necessário desenvolver uma crítica cujo o único valor de base seja a *diferença* (SANTIAGO, 2019, p. 21). A proposta de Santiago relaciona-se à concepção de método defendida por Walter Mignolo em *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, gramática de la descolonialidad* (2014), posto que se trata de um. “[...] método necessariamente crítico e descolonial [...]” (MIGNOLO, 2014, p. 103 – 104)⁵.

Nesse contexto de desprendimento do incorpóreo e da racionalidade cartesiana, é basilar entender o livro enquanto teorização e considerar o caráter ensaístico para o qual nos chama a atenção o autor. Falo do compromisso que Santiago evidencia nas páginas iniciais de seu livro com a liberdade dos argumentos (SANTIAGO, 2020) e o caráter experimental (SANTIAGO, 2020) de sua teorização.

Embora enquadrada e circunscrita por princípios científicos, a operação homológica estará sendo usada, no presente estudo, pelos extremos, ou seja, de maneira radical e bastante livre. Daí o caráter experimental dos argumentos, vale dizer que a *Fisiologia da composição* se apresenta sob a forma de proposta *ensaística*. (SANTIAGO, 2020, p. 16).

Na teorização desenvolvida pelo autor, a liberdade dos argumentos e o caráter experimental culminam na proposta ensaística posta em prática no livro. A escolha por essa forma realça o compromisso do escritor com a teorização e com o corpo, uma vez que seguir os moldes acadêmicos (como a escolha por escrever artigos científicos nos moldes tradicionais) impossibilitariam o exercício da liberdade crítica aludida acima. O compromisso, a consciência crítica, a liberdade no manejo e na escolha de argumentos acerca da criação literária, assim como o caráter experimental de seu texto demonstram que para se alcançar o objetivo proposto, desconstruir a metodologia de leitura dominante da literatura comparada para se chegar a uma forma *outra* de ler a literatura brasileira, é necessário pensar a gênese e a criação literária, sob o viés da relação homológica entre Machado / Graciliano / Silviano, pelo crivo da teorização, não mais pensar e teorizar nos termos da política do conhecimento (MIGNOLO, 2017a, p. 16) e das teorias como mercadorias acadêmicas (MIGNOLO, 2020, p. 141) de exportação para a modernização (MIGNOLO, 2017b, p. 08).

Incorporo à teorização que engendro a distinção entre os termos (teorização e teoria), por entender que *Fisiologia da composição*, desde o esboço de sua proposta, passando pelo título, por sua proposta ensaística e pelo livro em si, constrói uma forma *outra* de fazer crítica, cujo compromisso é com as sensibilidades biográficas (MIGNOLO, 2020) ou percepções biográficas (MIGNOLO, 2017). Penso, portanto, a proposta de Silviano Santiago sobre desconstruir a metodologia de leitura dominante na literatura e o ensaio que deriva de sua proposta como uma teorização de *método fronteiroço* (MIGNOLO, 2010), visto que o vocábulo (ensaio) acarreta, como já dito, diversos corpos ou *grafias-de-vida*, como propõe Santiago. Complementa minha leitura acerca do método que pensa *a partir do corpo* o conceito de intercorporeidade proposto por Juliano Garcia Pessanha (2018), uma vez que a relação entre os corpos supracitados não é regida pela gramática do sujeito / objeto, mas sim pelo encontro e por aquilo que Pessanha denominou como aliado-hospitaleiro, em que se

⁵ No original: “[...] um método necesariamente crítico y descolonial [...]” (MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 103 – 104).

[...] permite a confusão no tráfico de gestos e todo tipo de mergulho extático na área surreal da intercorporeidade. Aliado – hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo objeto para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em frente. (PESSANHA, 2018, p. 71).

Nesse sentido, no interior da relação homológica entre os escritores, Machado de Assis e Graciliano Ramos configuram-se como os aliados-hospitaleiros de Silviano Santiago. Grosso modo, pensando nos termos de *Fisiologia da composição*, Santiago hospeda-se em Machado e em Graciliano através da intercorporeidade (PESSANHA, 2018) amparada na teorização acerca da gênese e da criação literária sob o viés dessa tríade.

Para estabelecer a intercorporeidade com Graciliano Ramos, Silviano Santiago tematiza o corpo do escritor através de elementos que compõem o livro *Memórias do cárcere*, como o café, tabaco, cachaça, libido e o encarceramento. Nessa questão, sobressai-se o aprisionamento e a relação entre *Memórias do cárcere* e *Em liberdade* (1981), visto que o corpo encarcerado é a grafia-de-vida ou, nas palavras de Silviano Santiago, a relação homológica (SANTIAGO, 2020, p. 11) que estabelece o elo entre o corpo de Graciliano e de Silviano que, em tempos de pandemia, encontra-se *encarcerado* em obediência às orientações disponibilizadas pelos órgãos competentes. Em última instância, o *encarceramento* também remete a uma segunda grafia-de-vida que relaciona os dois escritores e intelectuais, a dizer, a relação com a língua sendo que em Silviano Santiago tal questão diz respeito ao leitor / escritor / intelectual das margens que, no trânsito em grandes centros, precisa assimilar a língua hegemônica (no caso, o francês e, posteriormente, o inglês) para teorizar. Nesse caso, o corpo do escritor / leitor / intelectual latino encontra-se espremido entre línguas imperiais (MIGNOLO, 2017b, p. 12). No tocante a Graciliano Ramos, o corpo é duplamente subjugado, primeiro pela experiência do cárcere estipulado pela perseguição política e, segundo, pela gramática e sintaxe da língua:

O corpo do cidadão começa oprimido pela sintaxe, a gramática, e continuará prisioneiro, por ordem da Delegacia de Ordem Política e Social, da lei. Já liberto do cárcere, se quiser assumir a relação de um diário íntimo em liberdade, já que não pode escrevê-lo na cadeia, e transportar para o papel a grafia-de-vida da experiência recente, terá de continuar a se submeter à coerção da gramática e da sintaxe. (SANTIAGO, 2020, p. 47).

Em relação a Machado de Assis, a intercorporeidade / relação homológica com Silviano Santiago remonta, como já mencionado, ao romance *Machado* (2016) e culmina em *Fisiologia da composição*. Nesse contexto, a velhice do autor de *Memorial de Aires* (1908) é o fio condutor que costura a vida de Machado / Silviano. A *diferença* inscrita em seu livro mais atual é que a grafia-de-vida é ampliada para outras possibilidades além da morte e doença, como a epilepsia, a amizade com Mário de Alencar, as correspondências, *Esau e Jacó* (1904), *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), a primogenitura e a relação com o leitor. Uma segunda grafia-de-vida que relaciona os corpos dos escritores é apresentada vestida pela metáfora do xadrez, na qual Machado de Assis é apresentado como enxadrista / problemista ao problematizar a instabilidade política (monarquia X república) através dos personagens Pedro e Paulo. Sob o olhar de Silviano, a instabilidade inerente ao livro de Machado viaja pelo tempo até *repousar* na instabilidade (social e política) realçada pela pandemia:

O autor de *Esau e Jacó* é, repetimos, o enxadrista, o problemista, daí a extraordinária atualidade democrática dessa obra neste momento em que, de novo e ainda sempre, a nação brasileira oscila entre a ameaça dos regimes de exceção e a cidadania manca (nunca plena e, por isso, nunca assumida por todas e todos, indiscriminadamente). Embora periférica, essa *diferença* se torna ameaçadora e terrível, diária, em tempos em que toda a humanidade passa por pandemia virótica. (SANTIAGO, 2020, p. 138).

A relação homológica e intercorporal entre Machado, Graciliano e Silviano, ao desconstruir o *cogito cartesiano*, apresenta uma nova metodologia de leitura da literatura brasileira via literatura comparada. Nesse interim, o desprendimento ativo de noções como dívida, parentesco, fonte e influência se fez necessário para a introdução de conceitos como texto / autor / hóspede e texto / autor / hospedeiro, não mais assombrados pela angústia da dívida para com o autor / texto de grandes centros. Dessa forma, *Fisiologia da composição* inscreve seu corpo textual, bem como o corpo dos autores ali inscritos, no cenário da crítica brasileira e da Literatura Comparada como obra basilar.

O COMEÇO E O FIM DO TÚNEL DA CRIAÇÃO: visões de Machado, Graciliano e Silviano

Uma vida: estudos, doenças, nomeações. E o resto? Os encontros, as amizades, os amores, as viagens, as leituras, os prazeres, os medos, as crenças, os gozos, as felicidades, as indignações, as tristezas: em uma só palavra: as ressonâncias? – No texto – mas não na obra. (BARTHES, 2003, p. 202).

O nascimento, a morte, o destino literário, a família, a nação, a identidade e a memória persistem ainda como os grandes temas que movem e compõem a escrita de todos os tempos. (SOUZA, 2011, p. 13).

Vou construir uma teoria para apanhar a minha vítima; vou construí-la de pedaços de outras criações, alheias, com as quais Graciliano Ramos não tem nada que ver; vou colher esses pedaços, entregando-me ao jogo livre das associações. (CARPEAUX, 1978, p. 27).

As grafias-de-vida que costuram os corpos de Machado de Assis, Graciliano Ramos e Silviano Santiago possibilitam que a metodologia dominante de leitura da literatura comparada seja *desconstruída*. Nesse contexto, o conceito de hospedagem proposto por Santiago avança os conceitos de dívida e influência do comparatismo tradicional e reverte a racionalidade cartesiana (SANTIAGO, 2020) em prol dos terremotos do corpo humano (SANTIAGO, 2020).

O encarceramento, a velhice, a morte, o medo, a dor, a experiência, a doença e tantos outros temas, a exemplo da epígrafe de Eneida Maria de Souza e Roland Barthes, compõem o método não somente de Silviano Santiago em relação a *Fisiologia da composição*, mas a gênese e a criação literária de Machado de Assis e Graciliano Ramos. Conceitos *outros* como relação homológica (de teor comparatista), intercorporeidade e grafias-de-vida realçam a longevidade de tais temas por transcender a discussão comparatista de veia tradicional e por lembrar que crítica e ficção são consequências de escolhas, afetos, vivências e sensibilidades (MIGNOLO, 2020).

Não à revelia, a escolha pela *forma* ensaística (em contraposição ao formato tradicional de artigo científico), mencionada por Santiago ainda nas primeiras páginas de seu livro, enlaça as múltiplas paixões que regem literatura, vida e crítica e reflete o compromisso com a liberdade criativa

/ crítica e com o caráter experimental dos argumentos. Tais valores são postos em prática no desenrolar do grande ensaio que é *Fisiologia da composição* nos recordam que o crítico é, antes de tudo, um leitor *desviante* (PIGLIA, 2006), que lê mal e que distorce o texto como prática de leitura desconstrutora / descolonizadora, cujo mérito é o de “[...] deslocar saberes consolidados, de se entregar à prática do jogo ambivalente dos conceitos e de optar pelo excesso produzido pelo olhar suplementar do ficcionista ou do ensaísta” (SOUZA, 2011, p. 171).

Leitor *desviante*, no sentido atribuído por Ricardo Piglia, Santiago inscreve *Fisiologia da composição* no cenário crítico brasileiro como uma obra crítica / ensaística que desconstrói conceitos tradicionais ao mesmo tempo em que apresenta concepções que atravessam gênese, criação literária e crítica, além de ressaltar que uma prática *outra* comparatista deve ser atravessada pela inscrição do corpo (NOLASCO, 2018, p. 12 - 13) e do compromisso teórico (NOLASCO, 2018, p. 12 – 13) do(a) crítico(a).

Quiçá uma das lições mais importantes que abstraio do ensaio, mas implícita na obra de Santiago como um todo, seja a da postura crítica e a da consciência de que um projeto dessa envergadura, uma nova proposta metodológica de leitura da literatura brasileira via literatura comparada, deriva de um processo que remonta a publicações anteriores. Endossa minha percepção, por exemplo, a epígrafe que inicia *Em liberdade* (1981), retirada do ensaio “Visões de Graciliano Ramos”, de Otto Maria Carpeaux, “Vou construir o meu Graciliano Ramos” (CARPEAUX, 1978, p. 27). Volto a dizer, a menção a um livro anterior de Santiago e ao texto de Carpeaux assinalam que *Fisiologia da composição* não é fruto exclusivo da clausura involuntária consequência da pandemia, mas é parte de um projeto maior cuja gênese remonta ao período de gestação do diário inventado e ao período em que o escritor passou a ser interessar pela doença, velhice e morte de Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação liberdade, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.
- CARPEAUX, Otto Maria. Visões de Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.). **Graciliano Ramos**: seleção de textos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CARVALHAL, Tania Franco. Sob a égide do cavaleiro errante. 2006. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/111>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del signo, 2014.
- _____. **Histórias locais / projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.
- _____. Desafios decoloniais hoje. 2017a. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- _____. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- NOLASCO, Edgar César. Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivantina**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PESSANHA, Juliano Garcia. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: UBU, 2018.
- PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. Trad. Heloisa Jahn. Companhia das Letras: São Paulo, 2006.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Recife: Cepe Editora, 2019.
- _____. **Fisiologia da composição**. Recife: Cepe, 2020.
- SOUZA, Eneida Maria. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.